

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA  
CELSO SUCKOW DA FONSECA**

**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS**

**BACHARELADO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS  
NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

**FELIPE VIDAL BENVENUTO ALBERTO**

**AS RELAÇÕES BILATERAIS SINO-VATICANAS:  
UMA ANÁLISE DAS INFLEXÕES NO PAPADO DE FRANCISCO**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

**FELIPE VIDAL BENVENUTO ALBERTO**

**AS RELAÇÕES BILATERAIS SINO-VATICANAS:  
UMA ANÁLISE DAS INFLEXÕES NO PAPADO DE FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do Departamento de Línguas Estrangeiras Aplicadas, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

Orientador: Prof. Dr. Elizeu Santiago

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

A334 Alberto, Felipe Vidal Benvenuto  
As relações bilaterais sino-vaticanas: uma análise das inflexões  
no papado de Francisco / Felipe Vidal Benvenuto Alberto. — 2022.  
39f. : il. ; enc.

Projeto Final (Graduação) Centro Federal de Educação  
Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2022.

Bibliografia : f. 36-39

Orientadora: Elizeu Santiago

1. China. 2. Relações Internacionais. 3. San Francesco (Igreja :  
Assis, Itália. 4. Religião. I. Santiago, Elizeu (Orient.). II. Título.

CDD 327.47

## **AGRADECIMENTOS**

Os primeiros a serem lembrados por mim não poderiam deixar de ser meus pais, os quais, além de todo o suporte prestado, tornaram possível meu ingresso em uma segunda graduação, na busca por maior preenchimento pessoal. Sem que fosse nenhuma obrigação mais que me dessem qualquer tipo de apoio material e/ou motivacional, ambos fizeram questão de abraçar meu sonho. Reconhecendo os constantes esforços e renúncias que fizeram em prol do meu futuro, espero um dia poder retribuir à altura. Fica também a lembrança à minha irmã, talvez a maior admiradora de meus feitos desde quando éramos apenas crianças.

Não poderia deixar também de agradecer à minha companheira Aline, que esteve comigo ao longo de toda caminhada, desde antes do ingresso à aprovação para o mestrado acadêmico que está por vir. Nosso caminho esteve longe de ser retilíneo, mas seu apoio foi essencial para que meu objetivo seguisse claro ante meus olhos. Já no fim de minha caminhada até esse momento, o trajeto mais acidentado nos defrontou, mas até na maior dificuldade o incentivo ao sucesso esteve lá presente na sua figura.

Quanto ao acolhimento que sempre tive em minha longa jornada no CEFET/RJ, admito que seria leviano dizer que dessa vez foi similar. Devo, portanto, agradecer aos poucos e leais que me fizeram mais do que companhia na mais intensa de minhas experiências acadêmicas até aqui. Incluindo meses em um quarto, devido à pandemia durante intercâmbio estudantil frustrado, não poderia subestimar de maneira alguma os percalços enfrentados para obtenção desse título. Citando em destaque Tomás, aquele que se tornou mais amigo, mas também parceiro em iniciativas extracurriculares e motivador através de seu brilhantismo, mesmo quando involuntário. Na impossibilidade de lembrar individualmente todos que fizeram parte desse caminho, deixo um agradecimento muito especial àquela(s) que não posso citar por inúmeros motivos.

Agradeço também a todo o corpo docente do curso, que nunca se furtou de seu propósito educacional conectado com as singularidades do mundo contemporâneo. Se a pandemia trouxe dificuldades para a manutenção de uma rotina de estudos disciplinada, não foram menores os desafios enfrentados pelos responsáveis por nossa educação. De maneira particular, lembro os nomes do professor Alessandro

Biazzi, com seu jeito carismático e sempre disposto a colaborar, e da professora Adriana Ramos, uma verdadeira rompedora de barreiras quando imbuída da tarefa de ajudar seus alunos nas mais complicadas situações.

Por fim, deixo meu enorme carinho ao professor Elizeu Santiago, que tampouco se limitou ao papel de orientador, especialmente nos momentos em que precisei de maior compreensão de sua parte. Para além de me guiar pelos caminhos acadêmicos que conhece como ninguém e nos quais pretendo perambular, se demonstrou uma pessoa de imensa empatia para com o próximo e vigor nos trabalhos que pudemos realizar juntos, muitas vezes com algum grau de pioneirismo no curso.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA SANTA SÉ E A DIPLOMACIA PONTIFÍCIA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 A CHEGADA DO CATOLICISMO NA CHINA E SUA POSTERIOR RELAÇÃO COM O IMPERIALISMO EUROPEU .....</b>	<b>16</b>
<b>4 OS TENSIONAMENTOS NO PÓS-REVOLUÇÃO COMUNISTA CHINESA .....</b>	<b>21</b>
<b>5 A IGREJA NAS PERIFERIAS DO MUNDO .....</b>	<b>24</b>
<b>6 AS RELAÇÕES SINO-VATICANAS CONTEMPORÂNEAS.....</b>	<b>28</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>

## RESUMO

ALBERTO, Felipe Vidal Benvenuto. **As Relações Bilaterais Sino-Vaticanas: Uma Análise das Inflexões no Papado de Francisco**. 2022. 39p. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

Tendo em vista o protagonismo cada vez mais acentuado da China no sistema internacional, bem como o olhar surpreso de um mundo extremamente polarizado a entronização de um papa proveniente do Sul Global, torna-se imperativo dedicar atenção às milenares e conturbadas relações sino-vaticanas. Propõe-se então, através do presente trabalho, apontar algumas das inúmeras inflexões que a emergência de Francisco tem gerado na relação entre os dois Estados. Em se tratando de países nos quais as lideranças possuem uma autonomia decisória bastante acentuada, cria-se um ponto de clivagem significativo no fato de Bergoglio e Xi Jinping terem chegado ao cargo máximo dos territórios que lideram no mesmo ano. Parece possível argumentar que o papa jesuíta traga consigo uma série de motivações para perseverar no esforço de pacificação ante o governo chinês, enquanto a recíproca nem sempre tem sido verdadeira. Sendo assim, aquilo que poderia representar algum aprofundamento, ou até uma estabilização permanente, das frágeis relações bilaterais, parece estar fadado a oscilar entre afagos e distanciamentos.

**Palavras-chave:** China; Vaticano; Relações Internacionais; Religião; Relações Sino-Vaticanas.

## ABSTRACT

ALBERTO, Felipe Vidal Benvenuto. **Sino-Vatican Bilateral Relations: An Analysis of Inflections in Francis' Papacy**. 2022. 39p. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

In view of China's increasingly prominent role in the international system, as well as the surprised look of an extremely polarized world at the enthronement of a pope from the Global South, it is imperative to pay attention to the millenary and troubled Sino-Vatican relations. It is therefore proposed, through the present work, to point out some of the countless inflections that the emergence of Francisco has generated in the relationship between the two States. In the case of countries in which the leaderships have a very strong decision-making autonomy, a significant cleavage point is created in the fact that Bergoglio and Xi Jinping reached the top position of the territories they lead in the same year. It seems possible to argue that the Jesuit pope brings with him a series of motivations to persevere in the peacekeeping effort before the Chinese government, while the reciprocal has not always been true. Therefore, what could represent some deepening, or even a permanent stabilization, of fragile bilateral relations, seems to be doomed to oscillate between caresses and distances.

**Keywords:** China. Vatican. International Relations. Religion. Sino-Vatican Relations.



## 1 INTRODUÇÃO

Seja na data de concepção bíblica, narrada por seus fiéis, ou naquela relativizada pelos acontecimentos históricos subsequentes ao ano inaugural de nosso calendário vigente, o cristianismo tem protagonismo inquestionável nas construções de poder ao redor do mundo. Desde as pequenas esferas, que tangem o comportamento individual daqueles que nela creem, até a intervenção direta em decisões da alta política, a irmã do meio da tríade abraâmica tem sua história intrinsecamente amarrada na formação do mundo que hoje conhecemos. No entanto, à medida que a Igreja Católica se tornava um colosso, em frente a outras denominações mais ortodoxas, como representante direta da prática cristã no Ocidente, ao menos até o advento da Reforma Protestante, também seus dogmas e decisões passaram a ter cada vez mais relevância e para um público mais abrangente, esses muitas vezes tolhidos de suas crenças originárias.

Em se falando do Sul Global, mais precisamente da América Latina, a Igreja exerceu um papel tão fundamental quanto controverso no processo de colonização do chamado Novo Mundo, com destaque para o período das Grandes Navegações dos séculos XV e XVI, onde sacerdotes missionários constantemente integravam as comitivas de exploradores. Através da ordem religiosa Companhia de Jesus, cujos membros recebem a denominação de jesuítas, a catequização fez parte integral das práticas de aproximação para com os povos originários, sendo essencialmente exercida através de movimentos paralelos de doutrinação religiosa e assimilação cultural.

A mesma Companhia de Jesus disfrutou também de algum protagonismo na Ásia, onde, poucos anos depois, buscava aprofundar a influência ocidental na região para além da atividade comercial já intensamente praticada por mercadores europeus. Difundido de maneira mais intensa no até então Império da China já no fim do século XVI, o catolicismo se deparou de imediato com um ambiente inóspito e com os primeiros sinais de que o caminho para seus objetivos não seria fácil. Como renunciado inicialmente, já são mais de quatro séculos marcados por poucas concordâncias e muitas desavenças entre a Igreja e o gigante asiático.

Como era de se esperar, apesar das intensas mudanças históricas no xadrez global e reposicionamento estratégico da Igreja como peça nesse complexo tabuleiro, a chegada do Partido Comunista da China (PCCh) ao poder no país adicionou — ao

menos — um grande fator complicador nas relações bilaterais entre esses dois atores internacionais. Enquanto o PCCh fundava a República Popular da China — daqui em diante chamada apenas de China —, a Igreja seguiu resistente a negociar com simpatizantes do comunismo e até hoje mantém relações diplomáticas com a República da China, nome oficial do território de Taiwan. Condição *sine qua non* para o estabelecimento de relações bilaterais, o reconhecimento da China continental parece ainda ser um entrave significativo no debate.

De maneira *sui generis*, a atualidade nos apresenta a um papado católico, advindo do Sul Global e com formação eclesiástica alinhada a temas bastante pertinentes às suas origens. Jorge Mario Bergoglio tornou-se Francisco e deixou claro desde sua entronização que seu passado não ficaria para trás em suas atitudes. Assumindo no mesmo ano, porém como presidente da China, Xi Jinping dá continuidade na caminhada de seu país rumo ao posto de maior potência econômica mundial. Tal confluência de fatores pode não ocorrer no período de maior perseguição histórica ao cristianismo na região, seja sob a ótica da violência aplicada ou da própria profissão de fé, mas certamente se dá num momento em que o mundo, cada vez mais globalizado, tem seus olhos voltados atentamente à China e seu debatido modelo de desenvolvimento. Propõe-se, portanto, atualizar os estudos sobre a temática das relações sino-vaticanas considerando fatores da contemporaneidade e imponderáveis à época de pesquisas pregressas no mesmo campo.

Foram utilizados também materiais conectados à formação eclesiástica de Francisco, uma vez que compreender a Teologia da Libertação e sua faceta argentina é recurso valioso para a construção da liderança mundial que buscamos detalhar. Apesar de essencialmente voltados ao público religioso, tais bibliografias nos apresentam rico conteúdo teórico e possuem autoria de figuras-chave como o argentino Juan Carlos Scannone<sup>1</sup>, forjador da chamada Teologia do Povo, e Gustavo Gutiérrez, sacerdote peruano expoente da Teologia da Libertação em seu período fundacional.

Quanto à metodologia utilizada, o presente trabalho possui informações colhidas a partir de pesquisa bibliográfica, seja ela através de materiais de referência que versem sobre temas mais gerais no campo historiográfico e puderam fornecer material de base contextual, seja via artigos acadêmicos que já tenham se debruçado

---

<sup>1</sup> Jesuíta argentino, Scannone é doutor em Filosofia e Teologia, além de ter compartilhado muitos anos de estudo com Bergoglio em colégio de formação clerical no subúrbio de Buenos Aires.

sobre a mesma linha de pesquisa específica. A pesquisa atualiza o tema pelo fato de cada papado carregar consigo um histórico de vida e de personalidade que o difere de seu antecessor e, como monarca absolutista, não haver constrangimento constitucional que limite as potenciais inflexões políticas advindas das mudanças no cargo. É também com base nessa justificativa que se baseia a utilização de fontes primárias oficiais e notícias provenientes de órgãos idôneos, a fim de congregar à bibliografia secundária.

A partir do estudo do material supracitado, em somatório a outros de similar relevância, implementa-se três objetivos de pesquisa. Primeiramente, serão mais bem aprofundados os contextos históricos da entrada e do estabelecimento do catolicismo na China ao longo dos séculos, passando imperativamente pela consolidação do Vaticano como ator internacional para além do foro religioso. A partir daí, analisaremos as aproximações e distanciamentos recorrentes que se iniciaram em 1949 e marcam até hoje a relação do PCCh com a liderança máxima da Igreja Católica. Por fim, trataremos de correlacionar todo o histórico levantado anteriormente com o cenário atual de (re)aproximação receosa entre os dois mesmos entes, mas dessa vez com lideranças reformadoras, mesmo que cada um a seu jeito.

Para atingir estes objetivos, o trabalho será dividido em 6 seções, para além desta introdução: i) As Relações Internacionais da Santa Sé e a diplomacia pontifícia, onde apresentaremos a estruturação do Vaticano como Estado e seu protagonismo oscilante, porém sempre presente, na política internacional ao longo dos anos, bem como a relevância da figura do Papa em tal processo; ii) A chegada do catolicismo na China e sua posterior relação com o imperialismo europeu, seção em que abordaremos o contexto histórico da prática missionária católica no Império da China, a recepção local em frente ao movimento e seus efeitos diretos nos séculos subsequentes; iii) Os tensionamentos no pós-Revolução Comunista Chinesa, trazendo o desenrolar das políticas implementadas pelo governo implementado em 1949 para lidar com minorias religiosas, com ênfase ao trato dado a católicos chineses, culminando na China contemporânea; iv) A Igreja nas periferias do mundo, analisando a ascensão do argentino Jorge Bergoglio ao papado sob a ótica de suas origens periféricas, dos pontos de vista natalício e eclesial; v) As relações sino-vaticanas contemporâneas, onde levantaremos os acontecimentos mais recentes do diálogo entre os dois países enfocados, atribuindo especial atenção àquilo que ganhou novos contornos no recorte temporal inicialmente delimitado; e, por fim vi)

Considerações finais, sintetizando os resultados do presente trabalho e realizando um balanço crítico, sob um olhar contemporâneo, da problemática estudada.

## **2 AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA SANTA SÉ E A DIPLOMACIA PONTIFÍCIA**

Em um primeiro momento pode parecer desnecessária uma compreensão mais detalhada acerca do funcionamento de meandros da estruturação interna, no âmbito das relações internacionais, do Vaticano. No entanto, como ator mais comumente negligenciado academicamente dentre os objetos desse estudo, torna-se razoável acreditar que seja necessária uma contextualização prévia. Somando-se a tal motivo está o fato de que não são poucos os casos em que o funcionamento da diplomacia pontifícia, por vezes invasiva, explica a recepção pouco aprazível do lado chinês. Por fim, segundo Haynes (2016), “[...] a teoria de relações internacionais baseia-se na premissa de que, historicamente, a religião foi de importância central para diversos resultados políticos”.

Todo aquele que dedica seus estudos ao campo das Relações Internacionais, suas respectivas áreas correlatas, ou até mesmo apenas tem o hábito de consumir conteúdo jornalístico rotineiramente, já ouviu o emprego do termo Santa Sé. Muitas vezes usado de maneira comutável com o Vaticano<sup>2</sup>, a Santa Sé na verdade não se confunde em significado com o Estado da Cidade do Vaticano. Responsável integralmente pela atuação internacional, por ser ela o sujeito reconhecido pelo Direito Internacional (ACCIOLY et al, 2019, p. 474), é a Santa Sé que mantém relações diplomáticas com os vários Estados. Conforme descrito por Carletti (2012, p. 38), na prática, segundo o Direito Canônico, o nome de Santa Sé Apostólica é atribuído a todo corpo eclesiástico que cerca a Cúria Romana, não apenas o Papa, porém a ele todo o poder é subordinado, tratando-se de um regime monárquico eletivo.

Apontada como a mais antiga diplomacia do mundo (LEBEC, 1999, p. 11), aquela praticada pela Santa Sé hoje encontra muitos paralelos com o que conhecemos por diplomacia como “padrão”, sendo suas particularidades advindas, em geral, do fato de se ser um caso singular no contexto em que se insere. Para além

---

<sup>2</sup> Menor Estado do mundo, o Vaticano foi inaugurado em 1929 através da assinatura dos Tratados de Latrão, na presença do Secretário de Estado do Papa Pio XI, Cardeal Pietro Gasparri, e a principal liderança do governo fascista italiano Benito Mussolini. Tal ato de concessão do pequeno território chancelou a existência dos três requisitos necessários para classificação como um Estado. (CARLETTI, 2012, p. 29)

da figura do Sumo Pontífice em si, a Igreja faz uso da posição privilegiada da Santa Sé no âmbito internacional, como única instituição religiosa capaz de estabelecer relações diplomáticas com outros Estados, para enviar os chamados núncios apostólicos ao redor do mundo, bem como receber embaixadores em seu território. Segundo a narrativa da própria Igreja, a justificativa para tal prática é tanto bíblica quanto conjuntural. Em outras palavras, o plano de evangelização cristã narrado em seu livro sagrado possui explicitamente um sentido expansionista da fé pelo mundo<sup>3</sup> e, por outro lado, ao se abrir para o diálogo com um Estado, a Igreja estaria indiretamente se comunicando de maneira mais abrangente com os indivíduos ali pertencentes.

Com sua origem datando ainda dos primeiros séculos de história da Igreja, a diplomacia pontifícia passou por etapas das mais diversas, desde seu exercício indireto através do envio de emissários papais aos concílios (CARLETTI, 2012, p. 42) até sua gradual consolidação, como a conhecemos, já nos últimos dois séculos. Nos dias de hoje, a diplomacia pontifícia possui essencialmente três entes de interação para além da figura do Papa em si, que será tratada em separado posteriormente.

A Secretaria de Estado, surgida no século XV e alvo de uma série de reformulações desde então, atualmente é o órgão da Cúria Romana mais próximo ao Papa. Presidido pelo Cardeal Secretário de Estado, que “pode ser considerado o máximo expoente da atividade diplomática e política da Santa Sé, representando, em circunstâncias particulares, a própria pessoa do Sumo Pontífice”<sup>4</sup>, o órgão possui uma de suas duas seções exclusivamente voltada para a Relação com os Estados, sendo ela dirigida pelo próprio Secretário. Atuando de maneira análoga a de um chanceler em estruturas de outros Estados, o cargo atualmente ocupado pelo Cardeal Pietro Parolin possui relevância significativa na agenda internacional adotada pelo papado de Francisco e, ainda mais especificamente, no caso chinês, sendo esse um tema recorrentemente citado por Parolin, como veremos posteriormente.

O corpo diplomático pontifício, por sua vez, é formado pelos núncios apostólicos, os delegados apostólicos e os observadores. Como citado anteriormente,

---

<sup>3</sup> As palavras bíblicas “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei.” (Mt 28,18-20) são interpretadas de maneira literal e justificariam teologicamente a diplomacia pontifícia. (CARLETTI, 2012, p. 42)

<sup>4</sup> Secretaria de Estado. Disponível em:

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/documents/rc\\_seg-st\\_12101998\\_profile\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/documents/rc_seg-st_12101998_profile_po.html)

os núncios apostólicos realizam essencialmente o mesmo trabalho que embaixadores convencionais, sendo a nomenclatura escolhida a fim de dar o sentido de anúncio da mensagem evangelizadora à missão diplomática (CARLETTI, 2012, p. 47). Ou seja, apesar de enviados a países com os quais a Santa Sé mantém relações diplomáticas, existe um caráter acima de tudo religioso no cargo. Primeiramente, é defendido pela Igreja que “[...] se exige antes de tudo de um núncio é que seja padre” (LEBEC, 1999, p. 12), mas o simples caráter evangelizador dessa figura se torna algo temerário defronte países pouco habituados com a presença cristã ou que possuem experiências negativas com dita denominação religiosa em sua história.

A lógica de países como a China, que se destaca com objeto deste trabalho, nesse âmbito se torna relativamente simples: sendo a Santa Sé a representante máxima da Igreja Católica institucionalmente, até que ponto é válida a autorização em seu território de alguém que estaria paralelamente aos serviços diplomáticos pregando em prol do catolicismo? A resposta, no entanto, está longe de ser uma simples negativa ou afirmação e o ponto supracitado está no centro dos debates, conjuntamente a uma série de outras questões.

Delegados apostólicos e observadores terminam de compor o corpo diplomático e são os representantes da Santa Sé em países ainda sem relações oficiais estabelecidas e em Organizações Internacionais, respectivamente. Todavia, ambos os cargos possuem menor apelo no presente trabalho pelo fato de estarem alijados do debate que tange à República Popular da China, uma vez que o não reconhecimento do país por parte do Vaticano impede até mesmo o envio de delegados.

De maneira análoga ao envio de representantes da Santa Sé a países com os quais possui relações diplomáticas estabelecidas, também há a reciprocidade dos mesmos Estados, encerrando assim a configuração do corpo diplomático pontifício. Devido ao tamanho reduzido do território pertencente ao Vaticano, embaixadas estrangeiras para o Estado são estabelecidas em Roma, ainda que, em geral, nas cercanias da praça São Pedro. De maneira bastante singular, o Vaticano possui uma embaixada taiwanesa acreditada a si, por ser um dos 15 países do mundo que reconhecem Taiwan — oficialmente República da China — como um Estado. Para além disso, é interessante notar que a representação taiwanesa se encontra em território italiano, ou seja, em um país que não a reconhece como um Estado. Hoje o território da República da China se resume a uma pequena nação insular chamada

popularmente de Taiwan. Devido ao litígio com sua contraparte continental, a escolha por reconhecer a República da China implica no não reconhecimento da República Popular da China como Estado, esvaziando assim os apoiadores da primeira. Além do Vaticano, apenas mais 14 países no mundo fazem essa opção, sendo a vasta maioria formada por nações de pouca relevância nos foros internacionais. (MASON, 2017, p. 240)

Por fim, já extraoficialmente ao corpo diplomático, há o exercício da diplomacia papal, que encontra paralelo contemporâneo na chamada diplomacia presidencial (GAETAN, 2021). É difícil estabelecer um ponto de início, do ponto de vista histórico, para a diplomacia papal, pois desde os primórdios do catolicismo que o cargo de mais alto poder é também cobiçado e exercido por indivíduos já previamente influentes na sociedade. Separar os interesses pessoais, religiosos e estatais é uma tarefa um tanto ingrata e quem sabe é despropositada, considerando o caráter *sui generis* de um Estado essencialmente religioso.

Fato é que, em um recorte mais atual e relevante ao tema pesquisado, João Paulo II<sup>5</sup> representou uma mudança de rumos na prática, expandindo consideravelmente a rede diplomática da Santa Sé em todos os continentes. Considerado carismático, o Papa polonês percorreu pessoalmente boa parte do globo, mesmo depois de fisicamente debilitado, e deu a seus fiéis a sensação de proximidade que muitos estavam carentes. Para muitos fiéis, o alemão Bento XVI<sup>6</sup> representou um hiato nesse sentido, tendo se demonstrado um homem mais rigoroso e recluso, mas acima de tudo um religioso apegado à doutrina. Talvez a maneira de se fazer presente na comunidade internacional mais relevante para o presente trabalho, que busca entender o papel de Francisco na agenda internacional da Igreja sob seu comando, a diplomacia exercida diretamente pelo Papa é aquela, dentre as ferramentas da Santa Sé, que hoje mais tem gerado implicações nas negociações com o PCCh e os motivos serão largamente apresentados adiante.

---

<sup>5</sup> Polonês, nascido Karol Wojtyła, foi entronizado no dia 22 de outubro de 1978 e exerceu o papado até 2 de abril de 2005, data de seu falecimento.

<sup>6</sup> Alemão, nascido Joseph Ratzinger, foi entronizado no dia 24 de abril de 2005 e exerceu o papado até 28 de fevereiro de 2013, data em que renunciou ao cargo alegando fragilidade em sua saúde. De acordo com o Direito Canônico, BENTO XVI segue como papa emérito, uma vez que se encontra vivo com 94 anos.

### 3 A CHEGADA DO CATOLICISMO NA CHINA E SUA POSTERIOR RELAÇÃO COM O IMPERIALISMO EUROPEU

Voltando agora os olhares ao lado chinês do contato com o cristianismo, seria leviano alegar capacidade plena de distanciamento analítico, por estarmos inseridos no contexto civilizacional de maioria cristã ocidental. Contudo, é realisticamente possível vasculhar o histórico de tal relação na tentativa de buscar explicações plausíveis para o que é levantado hoje de barreira pela República Popular da China, bem como as resistências advindas do outro lado, a Santa Sé.

O mais antigo contato da civilização chinesa com o cristianismo data de cerca de 635 d.C. (CARLETTI, 2008, p. 21), quando missionários siríacos enviados pela Igreja Oriental, de acordo com Pelikan (2015), teriam até mesmo deixado uma literatura cristã em língua chinesa<sup>7</sup> durante o predomínio da dinastia Tang. Após considerável período de expansão e pluralidade cultural na região, o cristianismo veio a sofrer um grande revés com a perseguição imperial a qualquer tipo de prática religiosa, no século IX (IDEM, 2008, p. 22).

A retomada na relevância do cristianismo na China, já voltado para a vertente católica, viria apenas muitos séculos depois, quando do estabelecimento da dinastia Yuan por Kublai Khan.<sup>8</sup> (KORTE, 2009) O ano de 1246 marca o envio do primeiro ocidental ao Extremo Oriente, se tratando de um frei italiano em uma missão que em muito se aproximava da prática de diplomacia pontifícia, por levar consigo cartas do Papa ao imperador local. Já em 1266, dois mercadores italianos bastante abastados resolvem se aventuraram novamente à China em busca de mercadorias diferenciadas. Os dois indivíduos não só têm sucesso na empreitada como são nomeados embaixadores do imperador junto ao Papa, retornando à Itália alguns anos depois com o dever de entregar uma carta ao Sumo Pontífice. A volta dos mercadores à China seria apenas alguns anos depois e na companhia do filho de um deles: Marco Polo, que acabou caindo nas graças de Kublai Khan e permanecendo por 17 anos em território chinês, além de produzir vasto material escrito sobre a região, sua cultura e

---

<sup>7</sup> Aquilo que é descrito como literatura cristã, para a época, se trata de escritos em pedras monolíticas conhecidas como estelas. (CARLETTI, 2008, p. 21-22) Encontradas em grutas-bibliotecas, tais itens são encontrados ainda hoje e reconstruem a historiografia da região.

<sup>8</sup> Neto de Genghis Khan, Kublai deu continuidade ao legado de expansionismo do avô, inaugurando a dinastia Yuan e sobrepujando o já poderoso e previamente estabelecido Império da China a uma liderança mongol. (FAIRBANK, 2005, p. 119)



seus costumes. Convém lembrar que a melhor recepção da dinastia Yuan em frente ao cristianismo em muito se relaciona com o fato da esposa de Genghis Khan ter sido cristã e dos movimentos expansionistas praticados pelos mongóis requererem constantes assimilações culturais nas mais diversas regiões dominadas.

Apesar de todos os movimentos supracitados, mais alguns séculos seriam necessários para que o catolicismo fosse levado de maneira programática e planejada para a China. O jesuíta Francisco Xavier é, sem margem para dúvidas, o grande pioneiro da empreitada do catolicismo na Ásia, ao menos em termos de eficácia do trabalho realizado. Criando no Japão, em 1540, a primeira missão jesuítica na região, o sacerdote não tardou em decidir pela expansão daquela proposta, retornando a Goa, na Índia, onde era baseado e, logo em seguida, partindo rumo à China a fim de evangelizar o país. (SHELLEY, 2018, p. 311) Ao enfrentar dificuldades no caminho, Xavier viria a falecer em uma pequena ilha no Mar do Sul da China, como afirma Boxer (2007, p. 37), mas sua morte não seria em vão. O caminho traçado por Xavier viraria o “mapa da mina” e, não por acaso, em 1567 Portugal chegaria à costa chinesa e colonizaria Macau através dos mesmos meios.

Convocado por uma liderança jesuítica em Macau para lecionar aos chineses, pouco tempo depois o italiano Matteo Ricci se tornaria um ponto de virada do catolicismo na China. Era consenso dentro da Companhia de Jesus o fato de a dinastia Ming enxergar seu país como produtor de cultura e não receptor. (IDEM, 2018, p. 312) Tal fator gerava certa repulsa à interação com estrangeiros e era agravado pela utilização do confucionismo como doutrina de ética que influenciava em todos os setores da sociedade. Ricci foi se aproximando pouco a pouco de Beijing através da conquista da confiança do povo chinês. Extremamente bem instruído, o sacerdote aprendeu a falar o idioma local e se trajava como mandarim<sup>9</sup>, recebendo em troca o respeito devido aos acadêmicos na região. A permissão para entrar na capital do Império da China chegou em 1600, se tratando de algo essencial para que o cristianismo tivesse alguma chance no local, segundo o próprio Ricci.

Ao conquistar a admiração e respeito do imperador, o missionário conseguiu permanecer em Beijing por 10 anos, até sua morte, como astrônomo e matemático.

---

<sup>9</sup> Proveniente de um ideal confuciano, onde o imperador deveria ser aconselhado por assessores extremamente capazes selecionados apenas por seus méritos e sem importar suas origens, o termo mandarim era utilizado para se referir a esses funcionários da burocracia estatal. Atuantes desde o século VI, tais indivíduos aprovados para o cargo passaram a ser sinônimos de disciplina e intelectualidade. (TREVISAN, 2021, p. 161)

Todavia, relevante mesmo foi seu trabalho de conversão, deixando a Igreja com um número de membros que já passava o de 2 mil chineses, muitos deles advindos de famílias nobres e/ou estudiosos importantes. Conforme nos apresenta Boxer (2017, p. 38), esses números não se refletiam em formação de clérigo local, gerando certo constrangimento na relação. O jesuíta escolhido para ocupar seu posto seria Adam Schall, alguém que se mostrou também bastante preparado para a função, sob a ótica da Igreja, alcançando a construção de uma igreja pública em Beijing, a liberdade religiosa em todo o território chinês e quase 300 mil cristãos na ocasião de sua morte (NEILL, 1986, apud SHELLEY, 2018). Tais feitos renderam até mesmo premiações distribuídas pelo Imperador em honra ao trabalho dos jesuítas, que começavam a encarar como factível a existência de uma Igreja chinesa independente do Império.

De acordo com Shelley (2018, p. 313), o período de prosperidade viria a ruir quando missionários dominicanos e franciscanos realizaram visitas a Beijing e se demonstraram escandalizados com os métodos idealizados por Ricci e praticados por toda Companhia de Jesus desde o início da missão. Para Ricci, seria demasiadamente traumatizante apontar um pretenso ateísmo à população chinesa até então muito organizada e religiosamente disciplinada, ainda que adorassem, em geral, ancestrais e não divindades bem definidas. Com isso em mente, o jesuíta ensinou ao povo chinês que o chamado “Senhor do Céu” a quem veneravam há tanto tempo era Deus e que a adoração aos ancestrais era um ato de disciplina social, não uma doutrina religiosa, sendo perfeitamente aceitável. Sendo assim, foram colecionadas as adaptações de ritos e o catolicismo praticado na China em muito pouco se parecia com o pregado por Roma. Há quem defenda até hoje, no entanto, que todo pensamento filosófico chinês era de fato canalizado para códigos de conduta social, não transcendendo a algum tipo de fé religiosa. Como bem nota Kissinger (2011, p. 31), “[...] a China não produzia temática religiosa de espécie alguma no sentido ocidental. Os chineses jamais geraram um mito de criação cósmica”.

Iniciado ainda no século XVII e sucedido por alternâncias de opinião entre os diversos papas que se defrontavam com o tema, esse debate entre a política de adaptação e a política de conquista é vigente até hoje no caso das relações sino-vaticanas e foi o responsável também pelo declínio acentuado das missões jesuíticas na China à época.

Após um longo período de marasmo e pequenas ondas inconsistentes de missões evangelizadoras, a eclosão das Guerras do Ópio, no século XIX, traz à tona

uma nova etapa nas relações sino-vaticanas. Aquele trabalho, que até então era hercúleo, de lidar com o contexto local sem nenhum tipo de apoio externo tornou-se referendado pelas potências europeias que a partir daquele momento entravam forçosamente e subjugavam a população local (MASON, 2017, p. 111). Do ponto de vista dos missionários, o bônus de exercer um trabalho respaldado por seus países de origem, algo documentado nos chamados Tratados Desiguais pela cláusula de extraterritorialidade<sup>10</sup>, não veio sem o ônus de serem associados pelo povo chinês ao regime semicolonial implementado na região. Um marco na expansão de missionários por todo território chinês se deu na assinatura do Tratado de Nanjing<sup>11</sup>, uma consequência direta de desavenças pontuais entre os dominadores europeus e autoridades chinesas (PINENT, 2015, p. 85). Outros documentos de natureza similar viriam logo em seguida aprofundando a relação entre a missão católica e o imperialismo europeu em território chinês.

O agravamento da já delicada situação da soberania chinesa nos anos subsequentes — pertencentes ao infame Século das Humilhações (IDEM, 2015, p. 86) — acabaram resultando em revoltas populares, destacando-se entre elas o Levante dos Boxers. Fortemente identificados com um nacionalismo há muito atacado, os chamados *boxers*<sup>12</sup> extrapolaram a postura antiocidental para um sentimento anticristão, chegando a implementar atos de violência contra cristãos contando com o apoio do governo de Beijing.

A chegada do século XX trouxe consigo a assinatura de um Tratado de Paz que freou a violência civil, no entanto, o recuo das violações ocidentais diante dos chineses ainda iria requerer o empenho de cabeças modernas e pensantes da juventude local. Dentre essa população intelectualizada, a figura de Sun Yat-sen se destacou e viria a liderar jovens em um movimento nacionalista responsável por conseguir a independência de diversas províncias. O ano de 1912 marca a fundação da República da China (MASON, 2017, p. 237) e conseqüentemente a queda de um

---

<sup>10</sup> Impostos por potências europeias tanto à China quanto ao Japão e à Coreia, em diferentes termos, os Tratados Desiguais imprimiam uma série de vantagens comerciais e territoriais sobre os governos locais. O movimento trouxe consigo a possibilidade de blindar cidadãos estrangeiros da legislação chinesa, sendo essa cláusula chamada de extraterritorialidade. (SPENCE, 2013, p. 227)

<sup>11</sup> Considerado o primeiro dos Tratados Desiguais, o Tratado de Nanjing encerrou a primeira das chamadas Guerras do Ópio e teve papel extremamente importante na formação do olhar chinês para com o estrangeiro nos anos que viriam a seguir. (SPENCE, 2013, p. 175) Não seria absurdo afirmar que boa parte da suspeição que é até hoje carregada pelo país asiático quanto a influências estrangeiras em seu território vem desse período.

<sup>12</sup> Membros de uma sociedade secreta de origem camponesa chamada Punhos Harmoniosos e Justiceiros, os *boxers* eram assim chamados por serem praticantes de *kung fu*. (MASON, 2017, p. 96)

Império milenar. Apesar do parcial sucesso na empreitada, a nova República não conseguiu lidar com os débitos contraídos ainda em função dos Tratados Desiguais, bem como não se comunicava satisfatoriamente com a população campesina. Divisões políticas internas e o ímpeto revolucionário de parte dos evoldidos culminou no surgimento, em 1921, do PCCh.

Acompanhando de perto todas as movimentações na região, a Santa Sé buscou aproximar-se da China e, mesmo com certas barreiras impostas, tratou de se posicionar de maneira estratégica. Bento XV<sup>13</sup> viria, através de carta oficial, questionar a forma como católicos chineses eram tratados pelos missionários estrangeiros. O Sumo Pontífice fez questão de pontuar a incoerência em se dizer cristão e se valer do protetorado europeu para subalternizar todo um povo.

Suponhamos que ele não se comporta plenamente como um verdadeiro homem apostólico, não pondo de lado essas intenções humanas, mas dê a entender que serve os interesses da sua pátria, obviamente todo o seu trabalho será olhado com suspeita pela população; esta facilmente será induzida a crer que a religião cristã não passa da religião de um determinado país e que a adesão a ela seria colocar-se na dependência de um Estado estrangeiro, renunciando assim à sua nacionalidade. (BENTO XV, 1919)

Foi já sob o papado de Pio XI<sup>14</sup> que um delegado apostólico seria enviado à China. Monsenhor Celso Costantini chegou como um prenúncio da construção de relações mais duradouras e que pudessem até mesmo resultar no estabelecimento de um núncio para o país asiático. Em um novo empenho de aproximação, Pio XI também promoveria a distribuição de livros e orações no idioma local, a fim de alcançar o povo ainda não atingido pelas sucessivas frentes missionárias. Respondendo também a uma reclamação antiga advinda de fiéis chineses, o Sumo Pontífice consagrou os primeiros bispos nativos. De acordo com Carletti (2008), é nesse momento que ocorre a implementação do ensino da religião cristã em determinadas escolas chinesas, deixando clara a eficácia dos movimentos diplomáticos.

Outrora unidos pela derrubada do Império e expulsão de estrangeiros, PCCh e Guómíndǎng — o Partido Nacionalista fundado por Sun Yat-sen — se colocaram, em

---

<sup>13</sup> Italiano, nascido Giacomo della Chiesa, foi entronizado no dia 6 de setembro de 1914 e exerceu o papado até 22 de janeiro de 1922, data de seu falecimento.

<sup>14</sup> Italiano, nascido Ambrogio Ratti, foi entronizado no dia 12 de fevereiro de 1922 e exerceu o papado até 10 de fevereiro de 1939, data de seu falecimento.

1927, em lados opostos de uma guerra civil que determinaria os destinos da China até hoje. A despeito da existência de missionários com próprias opiniões e nem sempre disciplinados quanto à execução das ordens papais, a Igreja não tomou lado expressamente na disputa pelo poder sob o território chinês, conforme afirma Carletti (2008, p. 52). O desenrolar do conflito demonstrou a incapacidade do Partido Nacionalista em segurar o PCCh, enquanto no lado comunista Mao Zedong se consolidava como, segundo Fairbank (2008), a figura que melhor conciliava habilidade estratégica com liderança carismática.

O primeiro núncio apostólico nomeado pela Santa Sé ante à China veio apenas no ano de 1946. Contudo, ainda gerava incômodo na população local o fato do religioso ser estrangeiro e o papado insistir em manter, quando muito, uma igualdade de bispos chineses e estrangeiros.

Ainda que contasse com o apoio dos EUA a partir de determinado momento e enfrentasse uma maioria de camponeses pouco estruturados, o Partido Nacionalista perde oficialmente a guerra em 1949. A partir daí, todo um novo cenário estava montado e boa parte dessas questões ainda hoje não encontrou solução. É oficialmente declarada a República Popular da China e aquilo que restou do lado perdedor se asilou na ilha de Taiwan, onde tais membros se declararam os governantes legítimos e seguiram na luta por seus ideais através de outros meios.

#### **4 OS TENSIONAMENTOS NO PÓS-REVOLUÇÃO COMUNISTA CHINESA**

Considerando a questão colonial como o primeiro grande período de instabilidade na relação sino-vaticana, o pós-Segunda Guerra Mundial pode ser considerado o segundo desencontro marcante entre os entes, visto que a Igreja se alinha a potências ocidentais contra o bloco comunista e na China eclode a Revolução de 1949, dando origem à República Popular da China (POMAR, 2003, p. 82). A despeito de pontuais congruências de pensamento entre o primeiro estágio do comunismo chinês e o catolicismo praticado no local, elas foram negligenciadas como potencial efeito conciliador devido à aberta aversão do Vaticano ao sistema implementado. É bem verdade que também foram recorrentes as perseguições a missionários católicos que se declararam abertamente anticomunistas (CARLETTI, 2008, p. 59-73), pois a associação das missões com atividades contrarrevolucionárias foi imediata.

Dentro do escopo cristão, o protestantismo assumiu a vanguarda no diálogo com o novo governo estabelecido e, ainda na década de 50, viu suas lideranças proporem o chamado Movimento das Três Autonomias. Baseado nas autonomias de governo, no sustento e na propaganda de sua religião, tal vertente religiosa se desvincularia totalmente de seus análogos ocidentais a fim de demonstrar distanciamento das grandes potências imperialistas. Ainda que tenha havido esforço do lado católico para adaptar proposta semelhante para si, a estrutura essencialmente universal e hierárquica da Igreja foi uma barreira intransponível.

Como aconteceria cedo ou tarde, os distanciamentos ideológicos culminaram na expulsão do delegado apostólico anteriormente enviado a Beijing, bem como rompimento definitivo de qualquer avanço em negociações bilaterais entre China continental e Santa Sé. Não demoraria para que o mesmo delegado apostólico se alojasse em Taiwan, fosse declarado núncio apostólico e simbolizasse o reconhecimento por parte do Sumo Pontífice da República da China — Taiwan — como aquela legítima. Com efeito, o Vaticano passa a promover a condenação de religiosos (bispos, sacerdotes e fiéis) alinhados ao comunismo que tenham escolhido permanecer na China. De maneira recíproca, o governo de Beijing declararia Roma, e seus seguidores, como inimigos da República Popular da China. Do ponto de vista estatal, a principal medida se concentra na fundação da Associação Patriótica Católica Chinesa (APCC), em 1957, a fim de conectar o Partido Comunista da China à Igreja Católica local. Como complementa Trevisan (2021, p. 94-95), “[...] essas igrejas (patrióticas) são registradas na Administração Estatal de Assuntos Religiosos e estão sujeitas a um estrito controle por parte das autoridades”.

A imediata recusa de Pio XII<sup>15</sup> em acolher pedido de reconhecimento de dois bispos consagrados por Mao Zedong, através da APCC, viria a agravar o ambiente inóspito entre a liderança católica e o mandatário comunista. É bem verdade que a disponibilidade ao diálogo da parte chinesa não passava por renunciar ao que Kissinger (2011) chamaria de “adoração essencialmente religiosa” à figura de Mao Zedong. Ainda que inserido em um ambiente conflitante e marcado por dissidências políticas, aquele que havia liderado o país em sua luta pela independência seguia brilhando como um farol para um povo que pouco — ou nada — absorvia de informação externa.

---

<sup>15</sup> Italiano, nascido Eugenio Pacelli, foi entronizado no dia 12 de março de 1939 e exerceu o papado até 9 de outubro de 1958, data de seu falecimento.

Logo em seguida, a intransigência da Igreja dá lugar ao período em que a China passa a ocupar o posto de principal barreira para distensionamento das relações: enquanto no Vaticano os papas João XXIII e Paulo VI buscaram reaproximação, adotando um paralelo da chamada *Ostpolitik* (QUINTANAL, 2016), o país asiático dava início às movimentações que culminariam na infame Revolução Cultural<sup>16</sup> (SANTORO, 2013, p. 45).

Já na década de 80, a lenta e gradual reabertura chinesa para o mundo, sob a liderança de Deng Xiaoping, também foi sentida no campo religioso, segundo Manguera (2019), na forma de oportunidade. Do ponto de vista do cristianismo local, igrejas foram reabertas e católicos puderam novamente professar sua fé, desde que seguindo as condições estabelecidas. A manutenção da APCC ativa, no entanto, demonstrava que seguia viva a ideia de afastar qualquer tipo de ingerência estrangeira em seu território, mantendo a proposta de “nacionalização” do catolicismo. Como toda a estratégia de maior abertura adotada por Deng, a questão religiosa vislumbrava melhorar a imagem do país no exterior e reconectar a China com seus emigrados católicos. Entretanto, a problemática da nomeação de lideranças religiosas seguiu um problema-chave e gerou desconfiança quanto à reabertura ao catolicismo, dado o rígido controle governamental. Nesse momento formam-se três grupos distintos de bispos chineses: i) uma minoria que havia rompido definitivamente com o Vaticano; ii) a maioria que permaneceu ao lado do governo chinês, no entanto ainda buscando aceitação de Roma; iii) novos clandestinos, que negaram submissão ao governo comunista, reafirmaram seu alinhamento com o papado e passaram a sofrer perseguição.

Nesse mesmo período histórico, foram crescentes os esforços de João Paulo II em prol do diálogo com autoridades chinesas, postura essa que já havia ocorrido no papado de Paulo VI. Em paralelo, houve a concessão de maior autonomia a bispos chineses que viviam na clandestinidade. Ainda assim resultados práticos sentidos ao fim do papado do polonês foram poucos, mesmo tendo se dirigido à China diretamente dezenas de vezes em seus discursos e exortações. Sua intransigência quanto ao assunto do comunismo certamente contribuiu para a baixa eficácia de suas tratativas,

---

<sup>16</sup> Com a falência do chamado Grande Salto Adiante, Mao Zedong deu início a uma campanha de expurgo em massa de indivíduos e elementos sociais que pudessem de alguma maneira ainda oferecer ameaça à manutenção do PCCh no poder. Composta por diferentes etapas de práticas distintas, a chamada Revolução Cultural é até hoje um dos períodos mais violentos da história moderna chinesa (SHENG, 2012, p. 71-78)

mas não à toa era uma figura querida pela maioria em um período de isolamento mundial de governos alinhados à esquerda do espectro político.

Viu-se uma mudança na postura do governo chinês para com a Santa Sé quando da morte de Karol Wojtyła e eleição do alemão Joseph Ratzinger, levando ao afastamento do governo chinês para com práticas radicais da APCC, que visavam bloquear o afrouxamento de tensões entre Vaticano e China. O órgão enxergava as relações diplomáticas com a Igreja como uma ameaça à sua própria existência e, ainda que tenha sido criado nos primórdios do comunismo chinês e seja muito forte dentro da burocracia estatal, a desaprovação da maioria dos católicos chineses é um fator predominante no caso.

Sempre à luz dos princípios da doutrina católica, devem ser resolvidos os problemas que surgem com os Bispos que foram consagrados sem o mandato pontifício, embora no respeito do rito católico da ordenação episcopal. A sua ordenação — como já disse — é ilegítima, mas válida, assim como são válidas as ordenações sacerdotais conferidas por eles e são válidos também os sacramentos administrados por tais Bispos e sacerdotes. Os fiéis, portanto, levando isto em consideração, para a celebração eucarística e para os outros sacramentos devem, na medida do possível, procurar Bispos e sacerdotes que estejam em comunhão com o Papa; todavia, quando isto não for praticável sem acarretar grave incômodo para eles, podem, por exigência do próprio bem espiritual, dirigir-se também àqueles que não estão em comunhão com o Papa. (BENTO XVI, 2007)

Apesar de pouco carismático e dono de uma personalidade menos efusiva, como mencionado anteriormente no presente trabalho, Bento XVI chegou a falar diretamente aos fiéis chineses na tentativa de acolhê-los na fé católica. Em outras palavras, se faltaram sorrisos e simpatia, doutrinariamente o Papa alemão sempre se sentiu completamente à vontade. Ratzinger nunca chegou a reconhecer a APCC, nem ao menos abrir diálogo para reconhecimento do próprio Estado chinês, mas foi enfático ao dizer que todo chinês católico professava a mesma fé de qualquer católico pelo mundo, mesmo aqueles que frequentavam igrejas controladas pelo governo, dado que o relevante era a fé daquele indivíduo. Quanto aos sacramentos, Bento XVI foi mais detalhista, mas ainda assim apaziguador, conforme demonstra em trecho destacado anteriormente.

## **5 A IGREJA NAS PERIFERIAS DO MUNDO**



Com a renúncia de Bento XVI ao papado, alegando severas limitações físicas e mentais impostas pela idade avançada, a Igreja viveria um movimento jamais antes visto em sua história. Em um mundo cada vez mais polarizado, hostil à boa convivência entre os povos e servindo de palco para a emergência dos mais diversos tipos de radicalismo, o conclave de 2013 entendeu que era hora de navegar por novos mares, como outrora fizeram os missionários jesuítas. A fumaça branca avistada no dia 13 de março anunciava a eleição do primeiro Papa latino-americano em mais de 2000 anos de tradição católica, ainda que a macrorregião abrigue a esmagadora maioria dos fiéis pelo mundo.

Jorge Maria Bergoglio, argentino e pioneiro em muitos aspectos, era à época arcebispo de Buenos Aires e evidenciou a missão que havia abraçado logo ao ser entronizado, escolhendo o nome de Francisco. Em homenagem ao santo católico homônimo, que tinha por hábito a pregação itinerante e a austeridade na maneira de se vestir e se portar, o novo Sumo Pontífice abertamente abraçaria para si tais prerrogativas.

Outro fator que chama a atenção de imediato ao encararmos Bergoglio como um “apaziguador” nas tensões que marcam as relações internacionais em seu período é seu pertencimento à Companhia de Jesus (CARLETTI et al., 2020, p. 86). Não por acaso, aquele que seria responsável por aproximar a Igreja aos mais distantes pontos onde o catolicismo seja praticado e até mesmo desenvolver uma interlocução amistosa com lideranças de outras denominações religiosas é o primeiro Papa jesuíta da história. A mesma congregação que séculos atrás se ocupou de formar missionários de Roma para o mundo, agora tem ao seu lado também os poderosos discursos papais de um daqueles que foi forjado por uma cultura cristã advinda do antigo Novo Mundo.

Quando dirigente da ordem dos jesuítas na Argentina, na década de 70, Bergoglio vivenciou diretamente os impactos de uma das mais duras das múltiplas ditaduras implementadas na América Latina no período. Suas origens humildes, seu passado como leigo<sup>17</sup> e até mesmo sua formação sacerdotal primária já o inclinavam para uma visão de mundo completamente diferente daquela alcançada por quaisquer lideranças católicas provenientes da Europa, que se revezavam no papado há mais de 1200 anos. No entanto, o contato com comunidades socialmente desfavorecidas e

---

<sup>17</sup> No contexto da Igreja Católica, leigo é todo aquele fiel que não pertence à hierarquia eclesiástica de nenhuma maneira, ou seja, não faz parte do clero religioso ainda que congregue da mesma fé.

perseguidas pelo governo repressivo, culminando até mesmo no desaparecimento de clérigos, o aproximou daquilo que havia de mais à esquerda no espectro ideológico das correntes teológicas: a Teologia da Libertação (MÜLLER; GUTIÉRREZ, 2014).

Ponto fundamental para entender a atuação de Bergoglio quando no papado, em especial no caso chinês, a ideologia supracitada é fundamentalmente latina e surgiu como consequência direta da Conferência de Medellín<sup>18</sup>, conforme documenta Scannone (2019, p. 23). Seus maiores expoentes compõem uma ala marxista do corpo clerical da região, algo que não tardaria a trazer problemas políticos locais e questionamentos da Igreja acerca de sua validade como vertente teológica. O ineditismo na proposição do debate político de maneira aberta dentro de ambientes religiosos, em somatório ao alinhamento com movimentos de resistência à esquerda deram o tom dessa corrente no período. É razoável alegar que Francisco retoma tal postura ao defender o diálogo com o governo comunista chinês em seu papado, uma vez que também era característica marcantes do movimento a inculturação da fé, ou seja, compreender a relação cristianismo-sociedade como uma via de mão dupla de influências culturais. Cabe ressaltar palavras de Bergoglio quando ainda Arcebispo de Buenos Aires e analisando a relação entre João Paulo II e Fidel Castro:

O papel da Igreja, em especial do Vigário de Cristo<sup>19</sup>, é a de libertar, dialogar e participar, para construir a comunhão entre os homens e a Igreja. Dessa maneira, o diálogo é entendido como canal de comunicação entre a Igreja e os povos e torna-se ferramenta básica para construir a paz, promover a conversão e criar a fraternidade. (BERGOGLIO, 1998, p. 13, tradução nossa)

Formado pela Teologia do Povo, vertente argentina da latino-americana Teologia da Libertação, Bergoglio é visto como um reformador pela Igreja (MÜLLER; GUTIÉRREZ, 2014). Promovendo sínodos e dialogando intensamente com a sociedade de maneira mais direta, Francisco provoca as mais diversas reações dentro do espectro da cúpula eclesiástica. Ao retomar aquilo que considera inacabado do proposto pelo Concílio Vaticano II, o jesuíta faz questão de lembrar a “opção pelos

---

<sup>18</sup> Realizada na Colômbia no ano de 1968, trata-se da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Convocada com a intenção de aplicar os temas debatidos no Concílio Vaticano II às novas realidades de uma sempre efervescente América Latina, o evento contou com participantes já bastante engajados politicamente em seus países de origem e dispostos a incentivar mudanças no cerne da Igreja para aquela região. (SCANNONE, 2019, p. 23)

<sup>19</sup> Apesar das diferentes conotações ao longo da história, a expressão “Vigário de Cristo” é utilizada, em geral, para se referir ao Papa em seu pleno exercício de poder sobre toda a Igreja. Sendo assim, de acordo com a fé católica, pondo em prática os planos de Deus para seus fiéis.

pobres” explicitada no documento final da reunião, afirmando que vivemos uma época “de globalização e de exclusão”. (SCANNONE, 2019, p. 186)

Suportada nesse mesmo princípio, é importante pontuar que, profundamente conectada a movimentos sociais, a Teologia do Povo não limita o conceito de pobreza às realidades locais e narrativas marxistas de disputas de classe. Pelo contrário, o debate é estendido a todo tipo de marginalizado pela sociedade, o que, no entendimento de Francisco, se aplica aos cristãos perseguidos onde são minoria. Daí a ideia de estar presente nas periferias do mundo, inclusive de maneira concreta, através das viagens oficiais e pronunciamentos diretos. Para além disso, o diálogo inter-religioso é visto pela vertente reformadora da Igreja como uma ferramenta importantíssima na construção de uma cultura de paz, nem sempre priorizada em detrimento da rigidez dogmática. (AQUINO JÚNIOR, 2017, p. 137) Tal dualidade nos remete ao mesmo antigo embate entre dominação e adaptação observado na ocasião das missões jesuíticas na China.

Apesar de muito marcada pela chegada de Francisco ao poder, a mudança de postura da Igreja ante minorias não se limita à sua figura e tampouco se iniciou com sua entronização. É de se notar que boa parte de reestruturação recente na burocracia estatal vaticana teve como objetivo central a maior proximidade da Igreja, como instituição, de seus fiéis espalhados pelo mundo (CARLETTI, 2015), bem como vigiar de maneira mais atenta os desvios de conduta daqueles responsáveis por guiar seu rebanho de seguidores. Um exemplo bastante ilustrativo desse movimento está na instauração da Congregação para as Igrejas Orientais, como consequência direta do Concílio Vaticano II, a fim de reforçar o diálogo inter-religioso com denominações cristãs praticantes de outros ritos.

A grande diferença a ser notada no papado de Francisco, no sentido da interação comunidade internacional, é o fato do argentino utilizar com destreza todas as ferramentas que a diplomacia pontifícia dispõe até mesmo para assuntos dos mais delicados, em geral evitados por seus antecessores. A movimentação constante de nuncios apostólicos alinhados à sua escola de pensamento em direção a países sensíveis para o Vaticano, a aproximação de religiosos advindos da periferia global à cúpula da Igreja e a nomeação do Cardeal Pietro Parolin, uma figura apontada como progressista e renovadora, para a Secretaria de Estado da Santa Sé são alguns exemplos desse comportamento. Para além disso, Francisco faz largo uso de sua própria figura como alguém disposto a congregar pessoalmente com aqueles

inseridos nas mais diversas realidades e localidades, seja para fins religiosos e/ou políticos. Pode-se dizer, com algum grau de certeza, que católicos pelo mundo se sentem mais próximos de sua Igreja através das recentes políticas papais.

O Papa "vindo do fim do mundo" revolucionou desde então a diplomacia da Santa Sé, promovendo uma nova geopolítica orientada para as periferias do mundo. (MELGUIZO, 2018, p.2, tradução nossa)

A nova atuação política do Vaticano levou a Santa Sé a pontos até então ignorados pelo poder central da Igreja (CARLETTI et al., 2020, p. 90), além de aprofundar a proximidade com países de regime à esquerda, como Cuba. Presentes no imaginário coletivo como de tendência ateuista, devido ao alinhamento comunista, na verdade boa parte dessas comunidades professam o catolicismo ou outras denominações cristãs. Muito desse movimento de relativização da importância da Europa no contexto internacional e desvinculação da posição anticomunista da Santa Sé pode e deve ser atribuído a Bergoglio.

No caso chinês não seria diferente e o Sumo Pontífice aproveitaria a aparente pré-disposição de Xi Jinping, também recém-chegado ao poder por lá, para estabelecer o diálogo com o gigante asiático como uma de suas prioridades. A pauta inevitavelmente se dirige à minoria católica na região, em situação de fragilidade. Todavia, como um Estado dotado de soberania e dispondo de relações bilaterais com Taiwan, a Santa Sé não pode ser descartada pelos interesses chineses, tendo em vista o esvaziamento da causa separatista.

## **6 AS RELAÇÕES SINO-VATICANAS CONTEMPORÂNEAS**

Recém-entronizado como novo Papa da Igreja, Francisco logo iniciaria seus esforços para implementar aquilo que carregava consigo como ideal desde sua época de anonimato na Argentina. Ainda nos primeiros dias de papado, uma carta foi enviada a Xi Jinping a fim de parabenizá-lo pela missão de presidir a República Popular da China. Os esforços de aproximação não se demonstrariam levianos, uma vez que a tentativa de contato, ainda unilateral, se repetiria por mais numerosas oportunidades.

Passado algum tempo, foram organizadas comitivas da Santa Sé em direção ao gigante asiático, com o objetivo de mapear e explorar os “muitos pontos de encontro entre a China e o Vaticano”, segundo palavras do bispo argentino Marcelo

Sánchez Sorondo, presente em desses encontros. Buscar similaridades entre ambos os entes de poder passou a ser uma arma bastante eficaz na desmistificação dessa relação historicamente truncada, afinal estamos falando das “duas únicas instituições milenares do planeta” (IHU, 2018).

Para o professor Francesco Sisci (IHU, 2018), um ponto de virada na relação sino-vaticana, ao menos sob a ótica chinesa, se deu em setembro de 2015, quando Bergoglio e Xi Jinping estiveram ao mesmo tempo nos EUA. Observar a relevância atribuída pela mídia local à presença do Sumo Pontífice teria alertado o presidente chinês a potenciais ganhos na construção de uma relação amistosa com a Santa Sé. Afinal de contas, Sisci (IHU, 2018) completaria sua análise afirmando que “[...] se o Vaticano é tão poderoso, não se trata apenas de gerir esses poucos milhões de católicos chineses”, segundo o lado chinês.

Já sob a ótica da Santa Sé, fechar um acordo com Beijing é de suma importância para superar a divisão na prática do catolicismo chinês, tanto visando promover a liberdade religiosa a seus fiéis quanto logrando exercer na prática o caráter essencialmente universalista da Igreja Católica. Não obstante, Francisco não demonstrou pressa durante o amadurecimento das negociações e indicou saber muito bem que caso acelerasse certamente tropeçaria. Sem fugir de perguntas a esse respeito, Francisco (2018) já respondeu a questionamentos sobre uma possível ida à China dizendo “[...], mas as portas do coração estão abertas. E penso que fará bem a todos uma viagem à China. Eu gostaria de a fazer...” Ao citar o pioneiro jesuíta Matteo Ricci em uma entrevista concedida em 2016, o Pontífice é paciente ao dizer que “[...] a experiência de Ricci nos ensina que é necessário dialogar com a China, que é uma fonte de sabedoria e história. É uma terra abençoada de muitas formas”. Essa não seria a primeira e nem a última vez que o Papa jesuíta recordaria os passos do missionário da Companhia de Jesus.

Pessoalmente, sempre olhei para a China como uma terra rica de grandes oportunidades e, para o povo chinês, como artífice e guardião dum património inestimável de cultura e sabedoria, que se aperfeiçoou resistindo às adversidades e integrando as diferenças, e que não por acaso, desde os tempos antigos, entrou em contacto com a mensagem cristã. Como dizia com grande perspicácia o Padre Matteo Ricci, desafiando-nos para a virtude da confiança, “antes de contrair amizade, é preciso observar; depois de a ter contraído, é preciso fiar-se”. É minha convicção também que o encontro só pode ser autêntico e fecundo, se se verificar através da prática do diálogo, que significa conhecer-se, respeitar-se e «caminhar juntos» para construir um futuro comum de maior harmonia. (FRANCISCO, 2018)

O ano de 2016 estabelece um marco nos avanços das relações bilaterais sino-vaticanas a partir do momento em que um papa recebe, de maneira inédita, resposta proveniente do mais alto governante chinês. Xi Jinping não só respondeu a mensagem como enviou a Francisco uma réplica da Estela de Xian, item importantíssimo da literatura cristã previamente mencionada como parte da história antiga chinesa. Segundo Sisci (IHU, 2018), o recado estava além do ato da resposta, mas também incluiria uma mensagem de pertencimento do cristianismo à história chinesa, visando dissociar a prática de um pretenseu ocidentalismo intrínseco.

Logo no ano seguinte das posses de Francisco e de Xi Jinping, mais precisamente em 2014, ambos os Estados já haviam retomado contato oficial em busca de solucionar a questão que historicamente mais afasta os dois governos: a questão da nomeação dos bispos chineses. Essa questão muito pouco — ou nada — tem a ver com reconhecimento estatal ou formalização das relações bilaterais, mas sim envolveria um acordo meramente religioso. A Santa Sé alegava ambicionar apenas o gozo de alguma normalidade no trato de questões religiosas em território chinês. Já a representação chinesa na negociação apontava ainda intransigências pontuais por parte do Vaticano, que não entenderia os perigos que a ingerência ocidental já levou à China.

Após incontáveis reuniões, a notícia de que um acordo acerca do assunto estaria encaminhado veio de um dos maiores entusiastas da ideia: o Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado da Santa Sé. Ao afirmar que em breve não haveria mais questionamentos acerca da legitimidade ou clandestinidade na Igreja chinesa, no início de 2018, o religioso preparou o terreno para um documento que já vinha sendo tratado a muitas mãos e há muitos anos. Parolin que, recentemente, ao escrever o prefácio de obra dedicada ao estudo de missões na China, inicia tomando para si as palavras outrora usadas por Pio XII em direção aos chineses: “Antes de tudo desejamos manifestar o nosso caloroso afeto por todo o povo da China” (PAROLIN, 2021, apud FRANGUELLI, 2021).

Todavia, a singela prévia de notícia dada pelo Cardeal já seria suficiente para despertar reações dos mais diversos níveis. Do lado conservador da Igreja, mais uma oportunidade de tecer duras críticas ao papado “indisciplinado” de Francisco, mas mesmo na China o bom prognóstico não foi unanimidade. Enquanto John Tong, Cardeal chinês e bispo emérito de Hong Kong, recebeu as boas novas com

expectativa de pacificação dos conflitos, Joseph Zen, também Cardeal chinês e bispo emérito, chegou a utilizar o termo “comercialização da Igreja” ao se referir ao acordo.

Ainda no fim de 2017, as primeiras notícias sobre a possibilidade de normalização das relações já surgiam em noticiários chineses. As primeiras críticas não chegaram a ser realisticamente impactantes por terem sido rebatidas através do uso da própria figura do Papa, levando consigo sua habilidade inquestionável de acalmar os ânimos. Ao informar que Francisco estaria acompanhando as negociações pessoalmente, a Secretaria de Estado não deixou muita margem para dúvidas sobre a seriedade do caso. O grande assombro daqueles pertencentes à Igreja “clandestina” era, porém, que o Papa fosse enganado pelo governo de Beijing, abrindo as portas para aqueles que haviam aprisionado e torturado os seus sem garantias da contraparte.

Em setembro de 2018, finalmente era assinado um acordo provisório entre a Santa Sé e o governo de Beijing em face da nomeação dos bispos chineses. Tratando-se de um claro reflexo da mudança nas políticas adotadas pelas respectivas lideranças em ambos os países, cabe, ainda assim, ressaltar alguns fatores que podem ter sido predominantes para essa guinada a um entendimento. Para Leight,

A pesquisa pode ser enquadrada no âmbito das análises de Política Externa, onde elementos como cultura e religião, em particular a chamada Faith Diplomacy emerge como um fator condicionante na construção das relações de força no cenário internacional (LEIGHT, 2011, apud CARLETTI, 2019).

Se quando chegou ao poder Xi Jinping implementou uma política fortemente nacionalista, tudo leva a crer que o passar dos anos e sua habilidade diplomática o levaram a considerar outros caminhos para a manutenção do acelerado desenvolvimento chinês. Para além dos convencionais meios de coerção e demonstração de força, a China tem se aventurado por práticas que poderiam perfeitamente se encaixar no conceito de *soft power* cunhado por Joseph Nye. Segundo BECARD (2019), citado por CARLETTI (2019), Wang Huning<sup>20</sup> teria sido o responsável por levar tal conceito ao país asiático, sendo ele muito útil desde os

---

<sup>20</sup> Proeminente teórico político chinês, Wang Huning compõe o Comitê Permanente do Politburo do PCCh, ou seja, a mais alta cúpula do partido. Pelo mesmo motivo, é apontado por muitos como principal ideólogo do governo comunista.

acontecimentos da Praça Tiananmen<sup>21</sup> e atingindo seu auge nos Jogos Olímpicos de 2008, em Beijing.

Em 2001, o então presidente Jiang Zemin pela primeira vez reconheceu que a religião poderia agir como força estabilizadora na sociedade e, assim, pode ser considerada uma força positiva para o desenvolvimento nacional (LEUNG, 2005, apud CARLETTI, 2019).

Uma vez compreendida a relevância do fator religioso como atenuador de problemáticas na interação com outros entes do sistema internacional, a disputa que surge internamente à China é: confucionismo ou admitir uma religiosidade de fato livre? Ainda que os ensinamentos de Confúcio não necessariamente se sobreponham à atividade religiosa, é bastante difícil imaginar um povo historicamente disciplinado, como o chinês, aderindo a práticas sincréticas em algum grau.

A China sabe que não poderá competir pela liderança global apenas com o incremento da sua força econômica e militar. Embora necessárias, estas dimensões de poder não são suficientes. Sabe-se que deve haver valores, padrões morais e éticos para apoiar a ascensão chinesa no mundo. Em outras palavras, é preciso ter *soft power*. E, neste quesito, o pensamento de Confúcio e sua imagem são capitais culturais valiosos a serem explorados. (CARVALHO, 2019)

Depois de algum tempo vigente, ainda que cercado de polêmicas envolvendo principalmente trocas de bispos sob ordem expressa do Vaticano e pronunciamentos acalorados do já referenciado Cardeal Joseph Zen<sup>22</sup>, principal voz de resistência à negociação com o governo comunista, o acordo provisório deu sinais de fragilidade. A despeito de seus 90 anos, o Cardeal Zen não se limita a exercer suas atividades religiosas na clandestinidade, mas concede também muitas entrevistas e se coloca como publicamente oposto a qualquer concessão do Vaticano ao regime comunista. O respeitado bispo emérito de Hong Kong já teve a oportunidade até mesmo de se reunir com o Papa a fim de debater a situação na região, já que sua radicalidade quase intransigente, em termos políticos, não se reproduz no quesito religioso e por fim Zen não estaria completamente errado.

---

<sup>21</sup> Os acontecimentos da Praça Tiananmen se referem à repressão violenta empregada pelo governo chinês a manifestações pacíficas que aconteciam no local, resultando em um massacre que produziu imagens bastante negativas da China para o mundo. (SPENCE, 2013, p. 581)

<sup>22</sup> Para mais informações, ver, por exemplo: DAIL, Bree. Cardinal Zen on China: 'There is Nothing More to Do Other Than Prayer'. National Catholic Register, Vaticano, 2 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.ncregister.com/interview/cardinal-zen-on-china-there-is-nothing-more-to-do-other-than-prayer>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2022.



Por muitos anos, a Igreja de Hong Kong apoiou o Papa em sua empolgação, agindo como uma ponte entre as duas comunidades. Quando ouvimos críticas da comunidade oficial contra a comunidade clandestina, defendemos esta última dizendo que sua posição é legítima. Em vez disso, quando ouvimos a comunidade clandestina criticar a comunidade oficial como se todos fossem traidores da Igreja, dizemos: "Não! Nem todos eles! Porque conhecemos esses irmãos. Vivemos juntos há muito tempo. Muitos deles são fortes e corajosos, mantendo a verdadeira fé enquanto estão em uma estrutura tão desfavorável." (ZEN, 2019, tradução nossa)

No fim de 2020, pouco depois de trocar notas diplomáticas com Roma a fim de renovar o acordo por mais dois anos, o governo de Beijing estabeleceu abertura de processo de seleção de bispos sem nenhuma anuência papal.<sup>23</sup> Não cogitando apresentar explicação oficial, o lado chinês, que alega estar agindo em consonância com o previsto no acordo, esse já não mais dentro da validade e ainda sob sigilo, segue colecionando casos de perseguição a praticantes "subversivos" do catolicismo no país. Cerca de uma centena de policiais invadiu, em maio de 2021, um seminário católico a fim de prender a liderança religiosa local, famoso ativista não-alinhado com o governo central. Na ausência do monsenhor no local, dezenas de sacerdotes e seminaristas foram detidos. (IHU, 2021) Já há apenas dois meses, em dezembro de 2021, bispos subordinados ao governo de Beijing realizaram inédita reunião a portas fechadas com aqueles que atuam em Hong Kong e respondem ao Vaticano.<sup>24</sup> Relatos do encontro dão conta de que foi uma reunião voltada para levar uma mensagem e que Xi Jinping nunca teria sido tão enfático ao descrever seu desejo de religião com "características chinesas".

Apesar de seguir defendendo o diálogo, Francisco começa a ficar esvaziado em seu discurso, uma vez que as alegações de desconfiança acerca do governo chinês não se mostraram totalmente infundadas. Em sua mais recente entrevista sobre o tema, o argentino afirmou que "[...] a China não é fácil, mas estou convencido de que não deveríamos desistir do diálogo" e disse ainda que "[...] você pode ser

---

<sup>23</sup> Para mais informações, ver, por exemplo: SHEA, Nina. China Betrays Its Deal with the Vatican. National Review, Vaticano, 19 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.nationalreview.com/2021/02/china-betrays-its-deal-with-the-vatican/>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2022.

<sup>24</sup> Para mais informações, ver, por exemplo: TORODE, Greg. Historic conclave: Chinese bishops, priests brief Hong Kong clerics on Xi's religious views. Reuters, Hong Kong, 30 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/china/exclusive-historic-conclave-chinese-bishops-priests-brief-hong-kong-clerics-xis-2021-12-30/>. Acessado em: 21 de fevereiro de 2022.

enganado no diálogo, pode cometer erros, tudo isso..., mas é o caminho. Uma mente fechada nunca é o caminho". (PULLELLA, 2021)

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscou-se, ao longo do presente trabalho, esmiuçar os meandros das relações sino-vaticanas, com ênfase nas potenciais mudanças de paradigma acarretadas pelo papado de Francisco. Sendo assim, fez-se, logo de início, notável a estrutura burocrática hoje disponibilizada ao Sumo Pontífice para o exercício da diplomacia através da Santa Sé, ainda que o argentino muitas vezes prefira usar de suas próprias ferramentas.

Mesmo havendo relatos supracitados de uma precária interação ainda mais antiga entre vertentes do cristianismo e a China, é de se pontuar que os movimentos mais significativos ficaram mesmo por conta das primeiras missões jesuíticas, por volta do século XVI. Muito personificada na figura de Matteo Ricci, a construção de uma imagem positiva do catolicismo na região acabaria por ruir em frente a um debate que visivelmente encontra paralelos nas relações sino-vaticanas de hoje. A (pouca) disposição à adaptação versus o medo da dominação é, sem sombra de dúvida, o assunto central das numerosas reuniões entre emissários da Santa Sé e representações chinesas, ainda que a agressividade dos termos não permita seu uso explícito em ambiente diplomático.

Através da interpretação do conteúdo levantado é possível inferir também que a presença da Igreja na China no século XIX, e durante as consequências do acontecido durante esse período, representou um grande fechamento de portas para um futuro menos belicoso. Ao ser incluído no protetorado europeu, o grupo de missionários católicos na região colheu muito mais rejeição do povo local do que benefícios por não responderem às leis chinesas. Apesar de estendido ao catolicismo, o real sentimento de ojeriza parecia se aplicar aos invasores europeus civis e grandes responsáveis pelos maus tratos e hierarquização étnica. Contudo, quando da chegada do Partido Comunista ao poder, o ódio acumulado àquele que vinha do exterior para sobrepujar os chineses passou a ser descontado em qualquer um que viesse de fora. Somando-se ao desprezo do papado da época pelo comunismo, criou-se o ambiente perfeito para um distanciamento sem que nenhuma das partes tenha interesse em

renunciar a nada em prol da pacificação. Situação essa que se arrastou sem muitos progressos até a entronização de Jorge Mario Bergoglio ao papado, em 2013.

De maneira geral, as referências pesquisadas acerca da formação eclesial de Bergoglio apontam para um alinhamento de sua visão de mundo para com aqueles que abertamente defendem a Teologia da Libertação, muitos desses intimamente próximos ao Papa como figura civil. Uma vez observadas tais similaridades, boa parte de sua postura política como chefe de Estado ganham sentido mais claro. A exemplo das inúmeras elevações de clérigos advindos de fora do eixo hegemônico EUA-Europa. Também suas viagens para destinos muitas vezes tidos como inóspitos por seus predecessores se justificam perfeitamente pela premissa de “estar ao lado dos pobres” em uma Igreja que seja itinerante e busque quem não pode ir até ela.

Por fim, ocasiões como o pioneirismo no estabelecimento de trocas recíprocas de mensagens oficiais e a mudança de paradigma chinês quando da percepção da relevância de Francisco nos EUA tornam evidente o protagonismo do argentino nas inflexões recentes das relações sino-vaticanas. Dono de uma política própria de desenvolvimento (econômico e civilizacional) e que busca a todo custo não ser influenciada por entes externos a seu país, Xi Jinping ainda assim foi obrigado a ceder tendo em vista os benefícios de imagem que estar em consonância com o Vaticano poderiam lhe trazer. Francisco demonstra saber que, como todo longo caminho a percorrer, percalços podem ser encarados. Ciente disso e mesmo considerando a chance de estar errado, como apontado por seus detratores, a paciência guiará suas decisões.

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Hildebrando et al. *Manual de Direito Internacional Público*. 24ª ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Nas periferias do mundo: Fé - Igreja - Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2017.

BENTO XV. *Carta Apostólica Maximum Illud do Sumo Pontífice aos Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos do Mundo Católico Sobre a Atividade Desenvolvida Pelos Missionários no Mundo*, 30 de novembro de 1919. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xv/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xv\\_apl\\_19191130\\_maximum-illud.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xv/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xv_apl_19191130_maximum-illud.html). Acesso em: 15 de fevereiro de 2022.

BENTO XVI. *Carta do Santo Padre aos Bispos, aos Presbíteros, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos da Igreja Católica na República Popular da China*, 27 de maio de 2007. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_let\\_20070527\\_china.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2007/documents/hf_ben-xvi_let_20070527_china.html). Acesso em: 19 de fevereiro de 2022.

BERGOGLIO, Jorge Mario. *Dialogos entre Juan Pablo II y Fidel Castro*. Buenos Aires: Editorial de Ciencia y Cultura, 1998.

BOXER, Charles R. *A Igreja Militante e a Expansão Ibérica (1440-1770)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARLETTI, Anna. *A Faith Diplomacy de Xi Jinping: as Implicações Político-Religiosas do acordo provisório sobre a nomeação dos bispos católicos na China*. *Conjuntura Internacional*, v. 16, n. 3, p. 24-33, 1 dez. 2019.

\_\_\_\_\_, Anna. *Diplomacia e Religião: Encontros e Desencontros nas Relações entre a Santa Sé e a República Popular da China de 1949 a 2005*. Brasília: FUNAG, 2008.

\_\_\_\_\_, Anna. *Do Centro às Periferias: o Deslocamento Ideológico da Diplomacia da Santa Sé com o Papa Francisco*. *Austral*, v. 4, n. 7, p. 218-239, jan./jun. 2015.

\_\_\_\_\_, Anna. *O Internacionalismo Vaticano e a Nova Ordem Mundial: A Diplomacia Pontifícia da Guerra Fria aos Nossos Dias*. Brasília: FUNAG, 2012.

\_\_\_\_\_, Anna, NOBRE, Fábio R.F. & FERREIRA, Marcos Alan S. V. (orgs.) *Relações Internacionais e Religião: Reflexões Rumo a um Contexto Pós-Laicista*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

CARVALHO, Evandro Menezes de. *Reflexões Sobre o Confucionismo no Socialismo com Características Chinesas*. In: CARVALHO, Evandro Menezes de; SILVEIRA, Janaína Camara da (orgs.) *A China por Sinólogos Brasileiros: Visões sobre Economia, Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Batel, 2019. p. 99-124.

FAIRBANK, John King. *China: A New History*. 2ª ed. Cambridge: Belknap Press, 2005

FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco aos Católicos Chineses e à Igreja Universal, 26 de setembro de 2018. Disponível em:

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco\\_20180926\\_messaggio-cattolici-cinesi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco_20180926_messaggio-cattolici-cinesi.html). Acessado em: 21 de fevereiro de 2022.

FRANGUELLI, Bruno. Cardeal Parolin em livro sobre a China: “tudo está dentro de um plano de Deus”. Vatican News, Vaticano, 14 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-05/cardeal-parolin-em-livro-sobre-a-china.html>. Acessado em: 21 de fevereiro de 2022.

GAETAN, Victor. *God's Diplomats: Pope Francis, Vatican Diplomacy, and America's Armageddon*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2021.

HAYNES, Jeffrey. *Religião nas Relações Internacionais: Teoria e Prática*. In: CARLETTI, Anna; FERREIRA, Marcos Alan S. V. (Coord.) *Religião e Relações Internacionais: dos Debates Teóricos ao Papel do Cristianismo e do Islã*. Curitiba: Juruá, 2016. p. 21-51.

IHU, *China-Vaticano: vigília de um possível acordo*. Artigo de Francesco Sisci. Revista Insituto Humanitas Unisinos, 25 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576377-china-vaticano-vigilia-de-um-possivel-acordo-artigo-de-francesco-sisci>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2022

\_\_\_\_\_, *O arrastão de Pequim no seminário católico: preso um bispo*. Revista Insituto Humanitas Unisinos, 24 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/609515-o-arrastao-de-pequim-no-seminario-catolico-presos-um-bispo>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2022

KISSINGER, Henry. *Sobre a China*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KORTE, Guilherme. *Catolicismo na China*. Embaixada da República Popular da China no Brasil, 12 de agosto de 2009. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/ce/cebr/por/zggk/t150679.htm>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2022.

LEBEC, Eric. *História Secreta da Diplomacia Vaticana*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MANGUEIRA, Ana Beatriz da C. *O olhar do Papa Francisco para o Sul Global: Uma Análise Sobre o Diálogo entre o Vaticano e a República Popular da China*. Conjuntura Internacional, v. 16, n. 3, p. 7-14, 1 dez. 2019.

MASON, Colin. *Uma Breve História da Ásia*. Petrópolis: Vozes, 2017.

MELGUIZO, Soraya. *La revolución política del Papa Francisco apunta hacia China*. El Mundo, Roma, 13 de março de 2018. Disponível em: <http://www.elmundo.es/internacional/2018/03/13/5aa6b473268e3e49548b45d2.html>. Acessado em: 23 de fevereiro de 2022

MÜLLER, Gerhard Ludwig; GUTIÉRREZ, Gustavo. *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.

PELIKAN, Jaroslav. *O Espírito do Cristianismo Oriental (600-1700)*. A Tradição Cristã: Uma História do Desenvolvimento da Doutrina, Vol. 2. São Paulo: Shedd Publicações, 2015.

PINENT, Carlos. *Breve Introdução à História da China: Da formação da civilização chinesa ao século XXI*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

POMAR, Wladimir. *A Revolução Chinesa*. Coleção Revoluções do Século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PULLELLA, Philip. *Papa defende acordo com China e diz que diálogo é necessário*. Terra, Madrid, 1 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/papa-defende-acordo-com-china-e-diz-que-dialogo-e-necessario,770d9b9d0ee0af867c08a27116be8aa4elv9u14e.html>. Acessado em: 25 de fevereiro de 2022

QUINTANAL, Gracia Abad. *Las relaciones entre el Vaticano y la República Popular China: ¿El retorno de la “Ostpolitik”?*. Razón y Fe, t. 274, n. 1413-1414, p. 23-30, 2016.

SANTORO, Maurício. *China e Coreia do Norte*. In: SANTORO, Maurício. *Ditaduras Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 41-60.

SCANNONE, Juan Carlos. *A Teologia do Povo: Raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SHELLEY, Bruce L. *História do Cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SHENG, Shu. *A história da China Popular no século XX*. Série História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

SPENCE, Jonathan. *The Search for Modern China*. 3ª ed. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2013.

TREVISAN, Cláudia. *Os Chineses*. Coleção Povos e Civilizações. São Paulo: Contexto, 2021.

ZEN, Joseph. *For Love of My People I Will Not Remain Silent: On the Situation of the Church in China*. San Francisco: Ignatius Press, 2019.